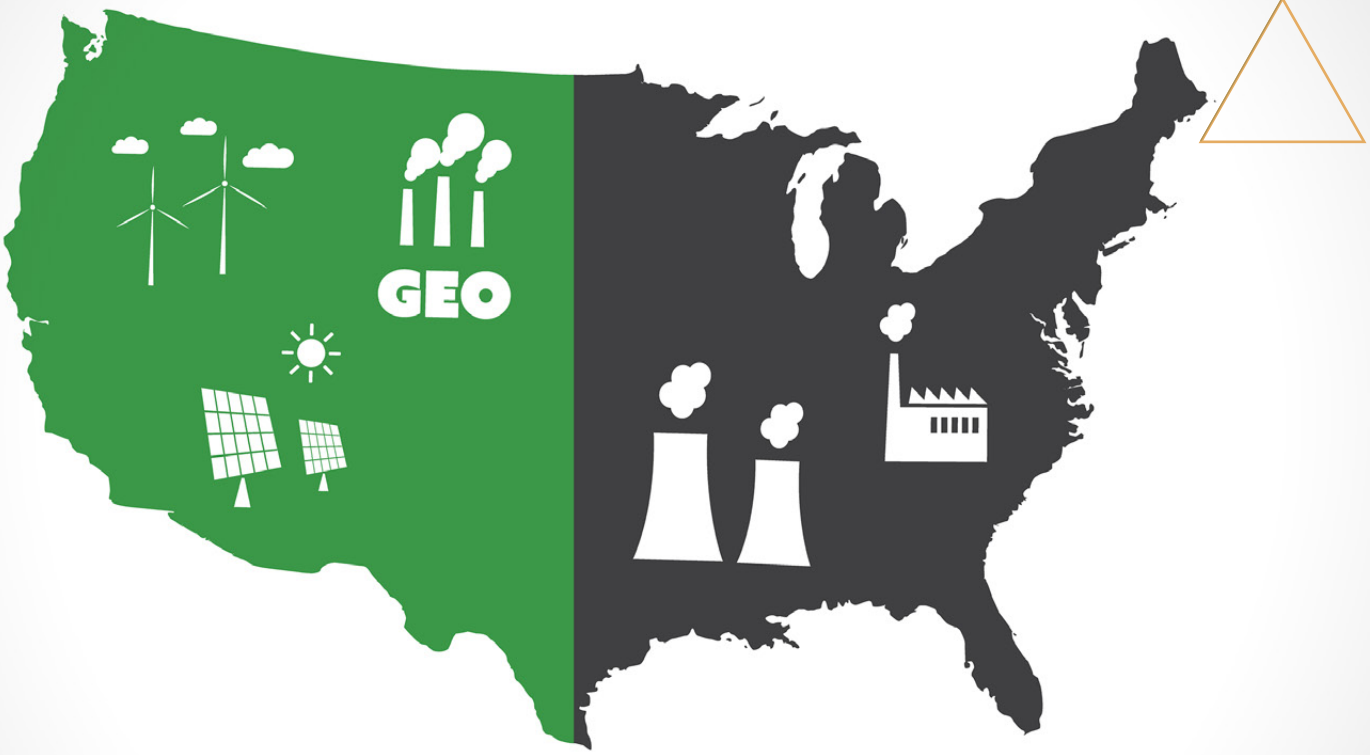


PRECISAMOS FALAR SOBRE DONALD TRUMP – O QUE ESPERAR DE SEU GOVERNO EM MATÉRIA DE POLÍTICA ENERGÉTICA?

No último dia 8 de novembro, após disputadas eleições e surpreendendo ao mundo todo, os Estados Unidos elegeram seu novo presidente, o republicano Donald Trump. Conhecido por seu temperamento forte, sua tendência ao exagero e por suas contradições, o americano de 70 anos conseguiu, mesmo sem nunca ter ocupado cargo público e sem ter carreira política, comunicar-se com a "maioria silenciosa" americana, ao simplificar os *issues* e não fazer o tipo politicamente correto. Mas o que esperar de sua política energética?

Após uma campanha marcada por declarações polêmicas e contraditórias, Trump não apresentou propostas concretas de política energética. Entretanto, sua vitória significa uma possível reviravolta nas prioridades energéticas e ambientais americanas: Trump pretende abrir terras federais para perfuração de petróleo e gás e exploração de carvão; pretende eliminar regulações que considera desnecessárias – como as propostas mais rígidas para controle de metano em perfurações domésticas; pretende encolher o papel da EPA (*Environmental Protection Agency*) para um principalmente consultivo; pretende frear o *Clean Power Plan*; pretende reduzir os subsídios para fontes de energia renovável. Tudo isto tendo como pano de fundo sua recusa em reconhecer e aceitar o fenômeno mundial do aquecimento global.

Nos últimos quatro anos – em especial após a reeleição de Barack Obama – o futuro energético americano estava claro: as *utilities* teriam que rapidamente descarbonizar os portfólios de suas centrais elétricas, primeiro passando pelo gás natural como uma fonte de transição entre o carvão e as fontes renováveis. O comprometimento dos Estados Unidos com as mudanças climáticas serviu como exemplo para outros países: a assinatura do Acordo de Paris por mais de 190 nações foi o maior passo já dado pela humanidade em direção à "descarbonização" do planeta. Pela primeira vez, tomava forma um novo consenso climático global, com *policymakers* de todo o mundo aceitando a

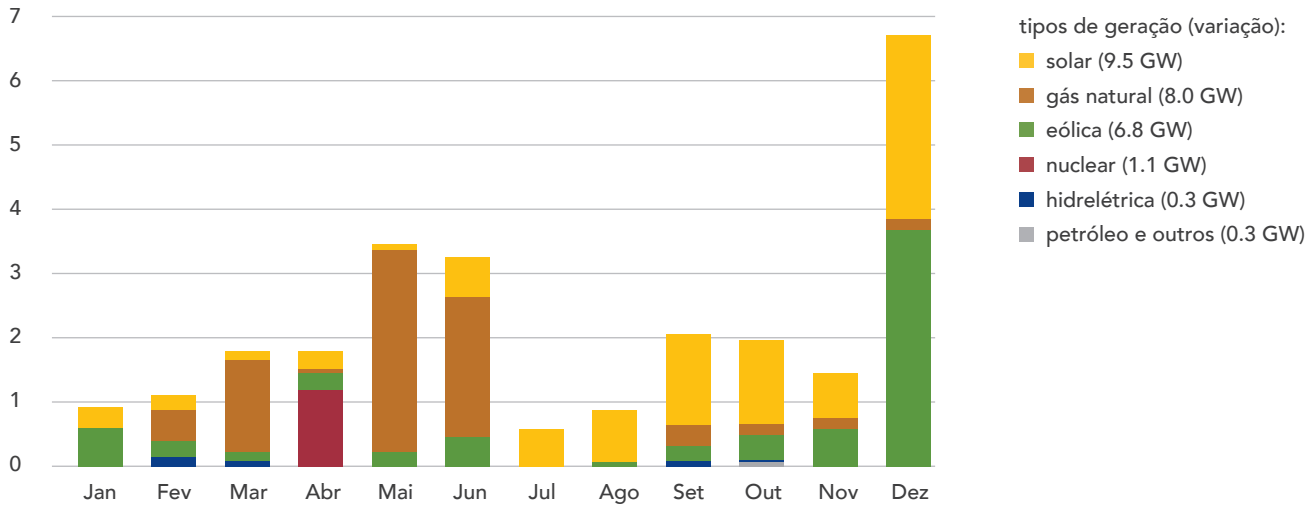
realidade do aquecimento global e unindo esforços para combatê-lo. Trump representa uma ameaça a este consenso, com promessas de retirar os Estados Unidos do Acordo de Paris. A maneira com a qual sua eleição poderá afetar as decisões dos demais países ainda está em suspenso, mas sua negação às políticas climáticas sem dúvida cria um ambiente de incerteza no setor energético mundial.

Apesar deste ambiente de incerteza, Trump terá que lidar com um mercado de energia que está em significativa transformação: com ou sem o *Clean Power Plan* e incentivos fiscais, é esperado, até 2040, um aumento de 4% ao ano da capacidade instalada de energias renováveis (de acordo com a EIA – *U.S. Energy Information Administration*), o que significa uma participação de 23% na geração total dos Estados Unidos. Do mesmo modo, aproximadamente 60 GW deixarão de ser gerados a partir do carvão até 2030. Além disso, em dezembro do ano passado e com apoio bipartidário, os incentivos fiscais às fontes solar e eólica foram renovados por mais 5 anos. Entretanto, mesmo sem estes incentivos, os custos de geração a partir de energias renováveis deverão continuar a trajetória declinante que apresentaram durante a administração Obama, com queda nos preços de equipamentos para geração e baterias, de modo que a geração eólica *onshore* já é competitiva com o gás natural e a geração solar vê seus preços declinarem rapidamente.

O aumento de competitividade na geração a partir de fontes renováveis está sendo acompanhado pela maior geração de empregos nestas indústrias: a indústria solar gerou mais de 200.000 empregos em 2015, o que corresponde a um aumento de 20% com relação ao ano anterior. Este número representa mais de 1% de todos os empregos criados nos Estados Unidos no ano de 2015, quantidade maior do que nos setores de extração de petróleo e gás americanos (líderes mundiais em produção), que terminaram o ano tendo gerado aproximadamente 185.000 postos de trabalho.

O fato de tantos incentivos e apoios às energias renováveis já serem uma realidade exigirá um enorme esforço legislativo ao novo presidente para revogá-los. Como observa-se no gráfico abaixo (Figura 1), a EIA projetou para este ano de 2016 um incremento de capacidade de geração de 9,5 GW de energia solar e 6,8 GW de energia gerada a partir de eólicas. Por outro lado, eram esperados apenas 0,3 GW adicionais de petróleo e demais combustíveis fósseis. Este gráfico é uma boa ilustração do novo rumo que está tomando o mercado de energia dos Estados Unidos e com o qual Donald Trump terá que lidar.

Figura 1: Expansão Programada da Capacidade Instalada em 2016 – gigawatts



Fonte: *EIA – U.S. Energy Information Administration*

É importante destacar também que a questão do desenvolvimento das energias renováveis deixou de ser partidária: pesquisas recentes (realizadas por *Public Opinion Strategies*) mostraram que aproximadamente 75% de seus eleitores apoiam iniciativas para acelerar o desenvolvimento e o uso de energia limpa. Além disso, do total de eleitores, 51% querem a redução do uso do carvão e 64% responderam que pagariam um pouco mais pela energia no curto prazo de modo a dar suporte às energias renováveis. Estes números mostram que os americanos em geral (passando por conservadores e pelos mais liberais) apoiam e querem mais energia limpa em seu país.

Todas as tentativas de Trump para impedir o desenvolvimento das energias renováveis terão como obstáculo um sistema energético altamente descentralizado. Esta descentralização levará os estados e municípios interessados a assumirem a liderança no combate às mudanças climáticas: grande parte deles têm pressionado por maiores investimentos em eficiência energética e têm estabelecido metas próprias de redução de emissões no longo prazo. O estado da Califórnia, por exemplo, possui um dos programas mais ambiciosos ao buscar reduzir em 40% as emissões de GEE em 2030, tendo como base o ano de 1990.

Por fim, o caminho para fazer a "*America great again*" passa pela conquista da independência energética. Tanto Democratas quanto Republicanos sempre a buscaram e enfatizaram o desenvolvimento e uso dos recursos domésticos, seja a partir do desenvolvimento energético sustentável e com maior participação de renováveis, para os primeiros, seja enfatizando a importância dos empregos criados nas indústrias de energia, alternativas ou tradicionais, como defendido pelos Republicanos. Trump não pode fechar os olhos para essa nova realidade.

* Este texto não deve ser citado como representando as opiniões da Fundação Getulio Vargas (FGV). As opiniões expressas neste trabalho são exclusivamente da equipe de pesquisadores do grupo FGV Energia.